



GT 03. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Coordenador(es):

Alexsânder Nakaóka Elias (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Patrícia dos Santos Pinheiro (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 1 - Entre cidades, memórias e imaginação: As poéticas das imagens e das grafias.

Debatedor/a: Fabiana Bruno (Pesquisadora)

Sessão 2 - Metodologias etnográficas subversivas: Experiências e experimentações compartilhadas.

Debatedor/a: Cláudia Turra Magni (UFPEL)

Sessão 3 - O trabalho do antropólogo: sentir, desenhar e escrever.

Debatedor/a: Daniele Borges Bezerra (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Em continuidade às activities desenvolvidas no 18º Congresso Mundial da IUAES, na 31ª RBA e na XIII RAM, o grupo de trabalho Antropoéticas: outras (etno)grafias tem como objetivo reunir pesquisadoras/es em Antropologia e áreas afins que promovam em suas pesquisas a relação entre poética e antropologia na composição de uma “antropografia” (Ingold, 2015), levando em conta diferentes metodologias e formas de expressão, tais como hipermídias, filmes, fotografias, desenhos, cartografias, poesias, colagens e outros. Ao pensar, escrever e questionar (e ser questionada/o por) textualidades e imagens, as discussões neste grupo se voltam para tensionamentos e reinvenções do fazer antropológico no contexto contemporâneo, reunindo trabalhos que apontem para uma política da produção de saberes nos quais inscrições do corpo e do cotidiano são parte da textualidade, como sugere Florentina Souza (2005), resultando em expressões éticas, poéticas e políticas. Dessa forma, o intuito será potencializar os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares anti-hegemônicos, assim como realizar experimentações que extrapolem as fronteiras entre pesquisa, ensino e extensão. Diante de novas visibilidades, texturas, montagens e processos multi interpretáveis, este grupo se propõe a acolher pesquisas inspiradas em teias de fabulação especulativa (Haraway, 2016) que permitam expressar modos de recriar o mundo e, ao mesmo tempo, sejam capazes de desestabilizar e promover a crítica social.

O autorretrato e o alter ego de Hildegard Rosenthal, mulher artista - duplos em diálogo com a fotografia moderna

Autoria: Yara Schreiber Dines (GEAC)

Na comunicação, analisamos ensaios imagéticos de Hildegard Rosenthal, fotógrafa de origem alemã, que imigrou para São Paulo, em meados dos anos 1930. Editamos e interpretamos seus autorretratos e alter egos, contextualizando esta produção no cenário fotográfico da época e efetuando um diálogo entre esta tipologia imagética com a de outros artistas. Estas fotografias localizam-se em seu acervo, no Instituto Moreira Salles e no Museu de Arte Contemporânea (MAC/USP). Salienta-se que, na época, era praticamente inédita a presença de mulheres na produção fotográfica brasileira, enquanto opção artística e profissional. Sendo assim, conhecer a especificidade do olhar desta fotógrafa e o seu foco moderno traz à tona o pioneirismo de sua produção, num período em que São Paulo está apresentando amplas mudanças urbanas. Considero instigante ter encontrado os gêneros autorretrato e alter ego nas imagens de Hildegard Rosenthal pela particularidade desses tipos de fotografia e por terem sido produzidos por uma mulher na década de 1940. Discutem-se narrativas inovadoras para a área da fotografia no período entreguerras, geradas por uma



mulher artista. Assim, se busca criar um debate sobre o recorte de imagem e gênero, flâneur e performance feminina, a partir das representações, no centro antigo de São Paulo, no início dos anos de 1940. Ressalto a relevância da análise e interpretação dos ensaios fotográficos citados, por agregar um conjunto de autorretratos e do que denominei de alter ego, após ter feito uma reflexão sobre esta série de imagens. Também destaco a importância na divulgação dos ensaios fotográficos do alter ego, em virtude da fotógrafa realizar esta pauta e, assim dar visibilidade à mulher na rua, em meados do século XX. Os tipos de fotografias - autorretrato e alter ego ? suscitam indagações singulares de temas clássicos da fotografia como retrato, pose e encenação (Bourdieu, 1979; Fabris, 2006,2004), em interação seja com o real ou com esferas ficcionais, o que aproxima essas narrativas da possibilidade de um diálogo com a vertente moderna da fotografia. Nos ensaios dos alter egos, a fotógrafa mostra um olhar instigante, ao produzir imagens ímpares para a época, em que o foco da cena é a presença do gênero feminino e sua performance no contexto urbano, da metrópole paulistana. Os dois tipos de narrativas apresentam um conteúdo imagético fecundo a ser analisado pela reflexão antropológica e da história da arte. Nestes ensaios as particularidades da linguagem e da expressão da fotografia, expõem perfis inusitados da personalidade e da personagem Hildegard Rosenthal e também da cultura visual do período.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: